

SOBRE JOHN STUART MILL: UMA CRÍTICA À INTERPRETAÇÃO DE GERTRUD HIMMELFARB

About John Stuart Mill: a critical interpretation of Gertrud Himmelfarb

Mauro Cardoso Simões¹

Resumo: Este texto visa apresentar e analisar a tese defendida por Himmelfarb sobre a influência de Harriet Taylor nas ideias de John Stuart Mill e quanto à existência de dois Mill's. Tentarei demonstrar que esta tese não pode ser sustentada.

Palavras-Chave: John Stuart Mill, Harriet Taylor, Dois Mill's.

Abstract: This text aims to present and analyze the thesis defended by Himmelfarb on the influence of Harriet Taylor in the Mill's ideas and on the existence of the two Mill's. I'll try to show that this thesis cannot to be sustained.

Keywords: John Stuart Mill, Harriet Taylor, Two Mill's.

Introdução

O pensamento ético e político de John Stuart Mill pode ser compreendido a partir da análise de suas principais obras, *On Liberty* (1859) e *Utilitarianism* (publicado em 1861 na *Fraser's Magazine* e como livro em 1863). A investigação desses dois ensaios nos permite afirmar que Mill seria, ao mesmo tempo, um liberal e um utilitarista, posição que tive oportunidade de expôr no texto, *John Stuart Mill: Liberalismo e Utilitarismo*².

Mill é conhecido como um defensor da liberdade de pensamento e expressão, da individualidade, do falibilismo e da mais ampla busca de concretização de uma vida feliz e repleta de realizações. Mill é, ainda, um pensador que aposta na capacidade do ser humano

¹ Doutor em Filosofia e professor da Faculdade de Ciências Aplicadas da Universidade Estadual de Campinas.

² SIMÕES, Mauro Cardoso. John Stuart Mill: Utilitarismo e Liberalismo. *Veritas*, v. 58, p. 174-189, 2013.

explorar todas as suas potencialidades pelo cultivo da racionalidade e da sensibilidade artística, o que está conectado com seu pensamento moral e político.

Este texto, no entanto, não pretende investigar tais temas; a preocupação central é expôr a tese esposada por Himmelfarb: sobre a existência de dois Mill's. Vejamos em que medida tal tese pode ser sustentada.

Uma análise da tese de Gertrude Himmelfarb: exposição e crítica

Diversas são as interpretações sobre a pretensa consistência teórica do conjunto da obra milleana. Críticos e comentadores parecem supor a existência de conflitos entre o princípio da liberdade e da utilidade, sendo que um dos mais enfáticos nesta posição é Gertrud Himmelfarb, cuja tese é defendida em seu livro *On Liberty and Liberalism: The case of John Stuart Mill*. O objetivo deste texto é apresentar os contornos dessa controvérsia.

Himmelfarb inclui *On Genius* no período em que chama de “primeiro Mill”, um período que começa, para ela, em 9 de janeiro de 1831, data da publicação de *The Spirit of the Age* e que termina em fins de outubro de 1840, época da publicação de seu ensaio *On Democracy in America*, de Alexis de Tocqueville.

Para Himmelfarb, até a idade de vinte anos Mill era o bom filho de seu pai. Então, em 1826-1827, depois de sua crise mental, ele sofrerá a influência de Wordsworth, de Comte, de Carlyle e de Coleridge. Os ataques de Macaulay contra o *Essay on Government*, de James Mill o afetaram profundamente e, é somente em 1831 que Mill estava totalmente pronto para se distanciar dos radicais e dos utilitaristas, a ponto de se poder dizer que esse desacordo entre eles ia além de suas diferenças sobre o papel do filósofo e, portanto, sobre os princípios mesmos a serem defendidos. Segundo o novo estado de espírito, Mill, de acordo com Gertrud Himmelfarb, teria produzido diversos artigos. Segundo esse “espírito”, Mill teria escrito artigos que satisfizeram os utilitaristas mais fanáticos e radicais, com a intenção de tranquilizar seu pai sobre sua honestidade intelectual e de sua não apostasia do movimento utilitarista.

Com a morte de seu pai James Mill, em 1836, o filho sente-se liberado e pelos cinco

anos seguintes escreverá os artigos *On Civilization, Bentham, Coleridge*, e seu comentário sobre o texto de Tocqueville, *On Democracy in América*. Depois deste período, Mill permanecerá sob a influência de Harriet Taylor, da qual se libertará somente em 1858, ano de sua morte. Em seguida, e já ao final de sua vida, Mill, segundo Himmelfarb, retornou às suas convicções da década de 1830.

Este esquema que Himmelfarb constrói da vida intelectual de Mill apresenta uma dificuldade. A primeira concerne à descrição da relação entre Mill e seu pai, James Mill. Não há dúvida que Mill possuía um profundo respeito por seu pai e que tentou evitar qualquer conflito com ele. Mas, é difícil crer que o temor a reação de seu pai fosse grande o suficiente a ponto de obrigá-lo a publicar seus artigos em contradição com os seus princípios. Estes tinham sido os mesmos desde o início de seu confronto com o pai acerca de suas amigáveis relações com Graham e Roebuck³.

Admitimos que durante este período Mill não podia desafiar os utilitaristas radicais; deve ser lembrado, todavia, que teve para com eles uma certa simpatia. Isto, combinado com seu hábito de estudar os mais diversos assuntos sob diferentes aspectos é, provavelmente, uma melhor explicação dos escritos de Mill favoráveis aos utilitaristas que o que o apresenta como um produto de pura submissão intelectual e que tinha como único alvo proporcionar prazer a seu pai.

O outro esquema de Gertrud Himmelfarb, relacionado à influência de Harriet Taylor sobre John Stuart Mill, sua amiga na época, é também parcialmente incorreta. Himmelfarb não concede muito valor a Harriet Taylor, nem no plano pessoal, nem em plano intelectual. Mas, ao mesmo tempo, pensa que ela possui uma marcante influência sobre Mill. John Stuart Mill conhecerá Harriet Taylor em 1830 e, apesar de reivindicação oposta contida em sua *Autobiografia*, Himmelfarb tem razão ao dizer que “sua relação tornou-se íntima e confidencial quase que imediatamente”⁴.

Se este é o caso, por que então a influência considerável de Harriet Taylor sobre Mill se, segundo Gertrud Himmelfarb, só tem início dez anos mais tarde, em 1840?.

³ Cf. PACKE. *The Life of John Stuart Mill*. London, 1954, p. 68.

⁴ MILL, J. S. *Essays on politics and culture*. (Introdução de Gertrud Himmelfarb) In: *The Collected Works John Stuart Mill*. p. XV.

Michael J. Packe⁵, que acredita na influência de Harriet Taylor sobre Mill, data o início desta influência a partir de 1832, ano em que Mill publica *On Genius*. Se, então, a influência de Harriet Taylor é tão importante como Himmelfarb a defende, a data de 1832 será mais apropriada e mais lógica que 1840. A supor mesmo que a influência de Harriet Taylor foi enfraquecida sob o efeito do medo que Mill possuía em relação a seu pai, este medo teria desaparecido com a sua morte em 1836. Mill estava livre a partir daí para submeter-se à influência de sua amiga. Segundo a interpretação de Gertrud Himmelfarb, curiosamente, esta influência se exerce somente quatro anos mais tarde, em 1840⁶.

A influência de Harriet Taylor sobre John Stuart Mill não é, propriamente falando, de ordem intelectual, mas de ordem afetiva. Ainda que Mill tenha dito frequentemente que não havia feito, concernente também a *On Liberty* a parte sobre o futuro da classe trabalhadora nos *Principles of political economy*⁷, e que traduz o pensamento nobre de sua amiga e esposa Harriet, é possível observar um certo exagero de sua parte, sendo impossível imaginar que o filósofo pudesse aceitar ser o tradutor se o pensamento a ser traduzido entrasse em contradição com os princípios por ele defendidos. Além disso, Mill o reconhece em sua *Autobiografia*. Harriet Taylor encorajou-o, na verdade, a afirmar mais claramente suas ideias subversivas, tendo enriquecido suas ideias com suas observações e seu senso prático, mas não tendo alterado o princípio diretor do progresso de seu espírito⁸. Por outro lado, sobre o registro afetivo, é evidente que Mill havia encontrado em Harriet Taylor a mulher providencial – amiga, esposa e, eu diria também, “mãe” – o que parece melhor lhe convir, sendo que a cumplicidade entre os dois era perfeita. Eram idealistas utópicos, anticonformistas, militantes feministas, sendo que também eram de um temperamento que, conforme dirá a Auguste Comte que o aconselha a se distrair,

⁵ PACKE. *The Life of John Stuart Mill*. London, 1954, p.69.

⁶ Uma crítica lúcida da interpretação equivocada de Himmelfarb encontra-se na obra de C.L.Ten. *Mill On Liberty*, Oxford: Clarendon Press, 1980.

⁷ MILL. *Principles of political economy*. In: *The Collected Works John Stuart Mill*. v. II, ed. John M. Robson (Toronto University Press, London, Routledge and Kegan Paul, 1963-1991), 33 vols.

⁸ Cf. MILL. *Autobiography*. London: Penguin, 1989. p. 149, onde Mill aponta, inicialmente, que seus escritos são o resultado de uma fusão de suas mentes (dele e Harriet), sendo que em seguida afirma: “At the present period, however, this influence was only one among many which were helping to shape the character of my future development: and even after it became, I may truly say, the presiding principle of my mental progress, it did not alter the path, but only made me move forward more boldly and at the same time more cautiously in the same course. *The only actual revolution which has ever taken place in my modes of thinking, was already complete*” (Grifo nosso).

difícilmente “amusable”⁹.

Dentro da estrutura emocional que é necessário destacar, situa-se a correspondência com Harriet Taylor e aquele seu amor passional por ela entra às vezes em tensão com um de seus mais sagrados princípios filosóficos: o princípio de independência intelectual e a pesquisa desinteressada da verdade. Mas, felizmente, esta possível servidão intelectual não excede a estrutura de suas correspondências amorosas¹⁰.

Segundo *On Liberty and Liberalism*, Gertrud Himmelfarb reivindica que durante o período em que Mill está sob a influência de Harriet Taylor, a principal questão que o preocupa é a liberdade da mulher e que é com a intenção de defender esta causa que *On Liberty* foi concebido¹¹. Associando os homens, mas em menor grau, às fileiras das vítimas da tirania e da sociedade, Mill oferece, segundo Himmelfarb, aos homens e às mulheres um interesse comum para promover a liberdade individual contra a tirania social, por meio dos quais se exerce o poder dos costumes e das tradições. É também a influência de Harriet Taylor que, conforme Himmelfarb, orientou *On Liberty* para a defesa de um princípio absoluto, uma posição extrema em contraste com o caráter habitual de Mill, um pensador sempre moderado.

A segunda explicação do liberalismo de *On Liberty* é que este ensaio foi escrito durante o período do casamento de Mill e Harriet Taylor, quando a causa da mulher domina seu espírito mais que nunca. Mas, o problema são os outros textos que Mill redigiu ou revisou durante este período. Se a causa da liberdade da mulher é o objeto principal que ocupa sua mente, ela deveria, acredito, estar presente em outros ensaios.

Ao afirmar a existência de “dois Mills” sem, no entanto, indicar onde e quando cada um de ambos foi expresso, como a hipótese de uma força dirigente por detrás de *On liberty* pode ser plausível? Se, como Himmelfarb diz, Mill teria escrito *On Liberty* para promover a causa da liberdade da mulher, por que apresenta apenas observações passageiras sobre este

⁹ Cf. a carta de Mill à Auguste Comte, India House, 13 Juillet 1843, *The earlier letter*, op. cit., Carta n. 400, p.588.

¹⁰ Cf., por exemplo, a carta de Mill à Harriet Taylor (21 de fevereiro de 1849), In: *The later letters* (1849-1873), op. cit., Carta n. 6, p.11.

¹¹ HIMMELFARB. *On Liberty and liberalism: The case of John Stuart Mill*. p.181.

assunto? Himmelfarb não explica por que em sua carta à Harriet Taylor de Janeiro de 1855, carta na qual Mill exprime a urgência de publicar um ensaio sobre a liberdade, e na qual não há sequer uma referência à causa da mulher; isto se dá pelo fato de que sua intenção não era aquela alegada por Himmelfarb, mas exprime a urgência de combater as tendências não-liberais que ele vê se desenvolver¹².

Esta carta revela diversos elementos. Primeiro - é Mill, na verdade, quem em primeiro lugar chama a atenção para a urgência de se escrever um ensaio sobre a liberdade e não Harriet. Segundo - não há um assunto particular na origem de *On Liberty*, mas sim a causa da liberdade individual segundo sua unidade. Assim, ao procurarmos uma causa específica (seja a da mulher) como o faz Gertrud Himmelfarb, nos distanciamos da compreensão precisa deste ensaio e nos desviamos de seu objetivo original e segundo o qual foi originalmente concebido.

Para Himmelfarb, os primeiros ensaios, contrariamente ao ensaio *On Liberty*, são uma negação de toda verdade única¹³. Mas, a verdade única que defende *On Liberty* é a importância da liberdade individual. Caso se defenda que este ensaio esteja longe das verdades plurais, os demais ensaios se interessam por elas, como a verdade em matéria de crenças morais, de escolhas políticas ou da organização social. Além disso, um dos argumentos fundamentais da liberdade de expressão e da discussão segundo *On Liberty*, é que a verdade sob diversos aspectos é complexa, plural, e objeto de desacordo entre os diversos sistemas de ideias. Aceitar, então, uma “*single truth*” não está em contradição com a constatação de que sob diferentes aspectos, nenhum sistema de ideias pode possuir o monopólio da verdade.

Himmelfarb opõe, assim, o caráter “absoluto” da defesa da liberdade segundo *On Liberty* com o pensamento moderado do “outro Mill”. Aqui é importante ressaltar que Mill procura identificar o caráter “absoluto” da liberdade e seus “limites”. Gertrud Himmelfarb priva o princípio de Mill de toda plausibilidade¹⁴ e o deforma completamente¹⁵. O princípio “absoluto” de Mill se aplica ao domínio estritamente privado e à condição de não se causar

¹² Cf. *The Later Letters*. (1849-1873), In: *The Collected Works of John Stuart Mill*, op. cit., tomo XIV, p.294.

¹³ HIMMELFARB. *On Liberty and liberalism: The case of John Stuart Mill*. p.44-45.

¹⁴ Cf. DWORKIN. *Taking Rights Seriously*. London, Duckworth, 1977, p.261.

¹⁵ Cf. SCARRE, Geoffrey. *Mill's On Liberty*. London: Continuum, 2007. p.100.

danos a terceiros. Mas Himmelfarb o converte em um princípio que cobre todo o domínio da ação¹⁶, e torna a liberdade o único valor que interessa a Mill¹⁷. Assim, é possível concluir que o Mill de *On Liberty*, contrariamente ao “outro Mill”, não conjugue a liberdade com outros valores como os deveres, a moralidade, a disciplina, o bem público, a tradição, o costume, o patriotismo e a sociedade¹⁸. Com esta caricatura do Mill liberal, não é, pois, surpresa alguma que Himmelfarb procure provar a existência de um “outro Mill”.

¹⁶ HIMMELFARB. *On Liberty and liberalism: The case of John Stuart Mill*, p.299.

¹⁷ HIMMELFARB. *On Liberty and liberalism: The case of John Stuart Mill*, p.272.

¹⁸ HIMMELFARB. *On Liberty and liberalism: The case of John Stuart Mill*, p.168.